



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ARTE, CULTURA E HISTÓRIA
(ILAACH)**

**MEDIAÇÃO CULTURAL
- ARTES E LETRAS**

Canta pra mim.

Um registro das minhas memórias.

Eloir Gonçalves Moreira

**FOZ DO IGUAÇU
2023**

Eloir Gonçalves Moreira

Canta pra mim

Um registro das minhas memórias.

Este memorial compreende o Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Mediação Cultural - Artes e Letras.

Orientadora: Diana Araujo Pereira

FOZ DO IGUAÇU
2023

O ato de cantar é um ato de amor.

Buscando em suas antigas memórias de infância, quais cantigas de roda ou canções de ninar que escutava, você ainda é capaz de lembrar? Ou melhor dizendo, você ainda consegue reproduzir cantigas que ouvia quando criança? Se sua resposta for “sim”, então bem vindo ao grupo dos que recordam. 🎵E nesta ciranda, cirandinha, onde vamos todos cirandar, eu te convido a entrar nesta roda de cirandas e comigo vem cantar.🎵

O presente trabalho tem como objetivo registrar, através de um memorial, o processo de registro, resgate e organização de uma coletânea com cantigas e canções de ninar, cantadas e compartilhadas através de gerações, de forma oral, com frases, tons e compassos fáceis de decorar. Além disso, este memorial descreve as referências conceituais que acompanharam a escrita do livro *Canta pra mim, de minha autoria*.

Buscando preservar a prática de cantar, esta coletânea com histórias e cantigas foi produzida e pensada com o objetivo de semear reflexões e resgatar saberes ancestrais referentes ao tema de cantar canções de ninar e brincadeiras de roda. Com a esperança que essa mensagem seja recebida em um campo fértil para que a grandeza e a importância de se cantar para uma criança possa crescer e se multiplicar por muitas gerações, com a possibilidade de se fazer oficinas em maternidades, escolas, casas de repouso para idosos e pontos de cultura, com a intenção de mediar gerações e espaços com a prática de cantigas e a criação de histórias com as memórias dos participantes.

A metodologia usada, foi um registro construído a partir de memórias e longas conversas familiares, e principalmente com os pequenos da família, com o intuito de produzir um livro digital infantil para ser utilizado como ferramenta de ensino e desenvolvimento cultural como fonte de conservação de tradições. As cantigas escolhidas para este trabalho foram sete, todas elas encontradas de norte a sul no território brasileiro, com algumas alterações em palavras e frases, a depender da região, sendo elas: “Ciranda-Cirandinha”, “Alecrim Dourado”, “Atirei o pau no gato”, “Nesta rua tem um bosque”, “Chegou a hora da fogueira”, “Coelhinho da páscoa”, “A casa”.

As canções foram recolhidas no domínio público www.google.com, e cada canção estará acompanhada de um desenho e uma breve história cheia de memórias de infância da autora, cuja voz reproduz e ensina as cantigas, que serão disponibilizadas no livro digital através de um QR code.

Muitas vezes em conversas eu perguntava para as pessoas de todas as idades se elas gostariam de cantar, e a resposta geralmente era a mesma “eu não sei cantar” ou ainda “a minha voz é feia”, muito triste você não acha? Então pensando sobre isso fiz questão de gravar com minha voz as cantigas que estão neste livro sem nenhum acompanhamento de instrumento musical, justamente para incentivar aos que me escutarem, a perderem o medo e a vergonha de cantar e soltar a voz. Para que possam entender que não existe uma voz perfeita para cantar uma cantiga, que todos e todas o podem fazer, se assim o desejar, e para começar é necessário reconhecer a importância de nossa voz, e aprendermos a amá-la, porque ela faz parte de nossa identidade e personalidade.

Os desenhos que acompanham as histórias foram feitos com traços bem simples, mas ao mesmo tempo, com muita originalidade, não sou desenhista e nem ilustradora, mas eu quis que cada história tivesse um desenho meu. Meus riscos e rabiscos são parte das minhas memórias de quando eu passava as tardes de chuva desenhando na mesa da cozinha porque não podia sair para brincar na rua, a mãe então nos contava histórias ou ouvíamos música em um rádio com toca-fitas que o pai

deu para ela, colocava sobre a mesa uma caixa de lápis de cores e giz de cera, e ali, eu e meus irmãos dividíamos os lápis e os papéis que usávamos dos dois lados para aproveitar bem, porque não tínhamos muitas folhas.

Eu gostava de desenhar uma bailarina e às vezes um coqueiro em uma ilha, com ondas do mar e um barquinho. Confesso que tive um pouco de receio, de como os meus desenhos seriam recebidos, mas depois lembrei que o meu pai, no pouco tempo que ele tinha para dividir com os seus seis filhos, ele às vezes desenhava para a gente, com suas mãos calejadas e às vezes machucadas pelo trabalho duro, e sempre eram os mesmos desenhos, um pato, um cachorro, um gato e um passarinho, ele dizia que era tudo o que ele sabia desenhar, então, por essa lembrança, eu decidi desenhar, porque assim como eu tive que me esforçar para perder a vergonha de cantar, também superei o meu medo de desenhar, e das críticas que iria receber.

Hoje, depois de adulta, no auge dos meus breves cinquenta anos, paro para pensar sobre o pai, que desde pequeno teve que trabalhar para ajudar sua família, ele estudou até a quinta série, o que para a sua geração era muito bom, e foi na escola que ele aprendeu a fazer esses desenhos que depois ele nos ensinou, eu não guardei nenhum desenho dele, o que me dá certa tristeza, seria muito bom poder mostrar para minha filha os desenhos de seu avô. (Espero que ela seja mais atenciosa do que eu, e guarde alguns dos meus, hahaha.)

Assim como eu dividia os lápis de cores, as folhas de papel, as roupas e os alimentos com os meus irmãos, eu quero dividir minhas memórias com todos que por ventura tiverem acesso a este livro. Canta pra mim, foi uma ideia que tive nas aulas de iniciação ao TCC, do curso de Mediação Cultural - Artes e Letras. Estava tão ansiosa sobre o que fazer como trabalho que até ficava nervosa e com pressão alta, às vezes me pegava pensando “será que vou dar conta?”, “será que vou saber fazer isso?”, “como começo? e como termino?” enfim... medos e medos rondando meus pensamentos. Depois, no decorrer das aulas e as conversas com a minha orientadora, fui me acalmando, aprendendo e aceitando que tudo é possível.

E é possível mesmo!!! Olha só para mim, estou concluindo um curso em uma Universidade pública federal, realizando o sonho de me formar e ter um diploma, lembrando da minha infância, que foi em uma época onde não existia celular, nem internet, onde as brincadeiras de roda e as cantigas eram práticas rotineiras, nos recreios e pátios das escolas, e as brincadeiras continuavam nas tardinhas das ruas do bairro, e criávamos nossos próprios brinquedos. Realmente tenho boas memórias do meu tempo de criança, “eu brinquei”.

Parando para observar o mundo, o meu cotidiano, o meu bairro e os ambientes por onde circulo, eu tenho a sensação de que tudo está tão difícil... é difícil ser criança, ser jovem, ser adulto, ser velho, as pessoas estão vivendo em um ritmo competitivo e comparativo, sinto falta de boas conversas e de lugares amistosos e seguros. Recentemente eu ganhei de presente de aniversário da minha amada filha, um livro que eu simplesmente amei! E em uma frase que me comoveu muito, estava escrito “A vida é difícil, mas você é amado”, nesta frase de forma resumida está o maior aprendizado que recebi dos meus pais, não digo isso de uma maneira leviana, ou para me envaidecer, mas para lembrar que o amor, o respeito e a proteção é o que de mais valioso podemos compartilhar com quem convivemos e amamos. Espero que o livro Canta pra mim, possa ser uma pequena semente de gentileza para todos que tiverem a oportunidade de ler e cantar as cantigas que fazem parte das minhas memórias, do meu passado, do meu presente e do meu futuro, para sempre!

Quando cantamos para uma criança, estimulamos a imaginação, a criação de imagens mentais e formulação de histórias onde podemos introduzir um comportamento, formando laços e criando tradições familiares, onde podemos gerar boas memórias e passar agradáveis momentos com aqueles que amamos, através de canções e afeto. Ao cantar podemos estimular as crianças de todas as idades a desenhar, e para aquelas que já sabem escrever, criar suas próprias histórias e personagens, com cores e diálogos que as façam cultivar suas memórias e praticar a arte de escrever e cantar. Ainda posso lembrar de como me sentia quando minha mãe cantava para mim, e de como com suas palavras rimadas através de canções ela me acalentava e afugentava meus medos. Lembro-me de cada frase, de cada ritmo das canções que foram gravadas em minhas memórias e no meu coração pelo som da voz de minha mãe. Canções que também foram cantadas para ela quando criança por outras mulheres, outras mães, outras vezes que a ensinaram a cantar e, como consequência dessa oralidade, minha mãe também me ensinou a falar e a cantar.

Quem canta os males espanta.

Uma expressão muito usada para indicar que é bom cantar, que o cantar pode nos ajudar a superar problemas e minimizar desconfortos como o medo, por exemplo. Muitas vezes quando tinha que caminhar sozinha por lugares escuros, costumava e ainda costumo cantar... Como se no canto encontrasse a coragem para enfrentar o desafio, como no relato baseado em fatos reais, que conta a história de Helene Hannemann e sua família, que passaram 16 meses presos em um campo de concentração, no final da segunda guerra mundial. Entre os perntences e os papeis do nazista Josef Mengele, conhecido como “o anjo da morte”, foi encontrado o diário que Helene manteve durante o seu período no campo de extermínio de Auschwitz . Em seus momentos mais angustiantes e sombrios, cheios de medo, ela encontrou forças para cantar, tranquilizar e acalentar os seus cinco filhos.

*“ Guten Abend, gute Nacht,
mit Rosen bedatch, mit Naglein bedeckt,
schlupf unter die Deck; Morgen
fruh, wenn Gott will,
wirst du wieder geweckt,
morgen fruh, wenn Gott will, wirst du
wieder geweckt, Guten Abend, gute
Nacht, von Englein bewacht,
die zeigen im Traum dir Christkindleins
Baum: Schlaf nur seling und su B, schau
im Traum's Paradies, schlaf
nur seling und su B,
schau im Traum's Paradies. ”¹*

(ESCOBAR, 2016.)

¹Tradução: “Boa noite, boa noite, coberto de rosas, coberto de pregos, deslize para baixo do convés; Amanhã de manhã, se Deus quiser, você será acordado novamente, amanhã de manhã, se Deus quiser, você será acordado novamente, Boa noite, boa noite, guardado por anjos que mostrarão a você a pequena árvore de Cristo em seus sonhos: durma bem e docemente, olhe no paraíso dos sonhos, durma bem e docemente, veja no paraíso dos sonhos.

As canções de ninar fazem parte do repertório popular, como é o caso de um clássico brasileiro, a canção “Acalanto” composta em 1957 por Dorival Caymmi, para sua filha Nana Caymmi. Onde ele demonstra seu afeto e seu amor paterno através de sua voz.

*É tão tarde, a manhã já vem
Todos dormem, a noite também
Só eu velo por você, meu bem
Dorme, anjo, o boi pega neném
Lá no céu deixam de cantar
Os anjinhos foram se deitar
Mamãezinha precisa descansar
Dorme, anjo, papai vai lhe ninar*

*Boi, boi, boi
Boi da cara preta
Pega essa menina
Que tem medo de careta*

*Boi, boi, boi
Boi da cara preta
Pega essa menina
Que tem medo de careta*
(CAYMMI, Dorival. 1957)

O poder de uma canção pode atravessar gerações, uma canção de ninar na voz de uma mãe ou de um pai pode ser inesquecível, acolhedora, calmante e curadora. No livro “Poranduba Amazonense” de J. Barbosa Rodrigues encontramos uma linda canção indígena no idioma Nheengatu, o acalanto Makuru².

*“Acutipuru re puru
Ne ré pocêi cuá taira çupé
Inti u quire putare
Re puru uquir arama.”*

Tradução:
*“Acutipuru tu me empresta
o teu sono para
este filho que não quer dormir”*

Neste canto indígena podemos apreciar a beleza da ancestralidade e os cuidados que eles praticam com os seus filhos.

² Makuru é o berço do índio.
Barbosa Rodrigues, *Poranduba Amazonense*, 287 - 288.

No museu Peabody da Universidade de Harvard, está exposta uma placa de cerâmica com escritas cuneiformes contendo canções e técnicas para fazer os bebês dormirem, foi encontrado em Nippur, ao sul de Bagdá esculpido entre 500 a.C. e 300 a.C.

Segundo especialistas que traduziram os escritos da placa de cerâmica, as canções sugeriam que os bebês que ficassem "calmos como a água", que "pegassem no sono como um filhote de gazela sonolento" e que "cochilassem como um pastor acenando com a cabeça no meio do dia [...] "A placa contém textos sobre paz e tranquilidade, assim como uma canção de ninar moderna", diz Eckart Frahm, professor de línguas e civilizações do Oriente Próximo da Universidade de Yale. Para os estudiosos, as canções de ninar cuneiformes — únicas descobertas até hoje — surgiram através da transmissão oral de tradições milenares.

(PEREIRA, Joseane. Canções de ninar da Babilônia são encontradas em placa cuneiforme. site Uol - Aventuras na história. 2019).

Nunca iremos saber ao certo quando essa prática de cantar para uma criança começou, ou, como começou, em que momento da história humana se tornou comum, fazendo parte das diferentes culturas e idiomas, o fato é que esta prática frutificou e se espalhou pelo mundo, sendo por felicidade encontrada e usada até o presente momento.

Temos muitos exemplos do poder do canto; o ato de cantar faz parte da vida e do cotidiano, nos afazeres diários como nos das rendeiras e lavadeiras que usam o canto para dar ritmo e compasso em seus trabalhos manuais, onde a voz comanda os movimentos, como que facilitando e suavizando o esforço da labuta.

Outro exemplo ainda é o canto curativo, ou o canto dos xamãs, que tem o poder de curar o corpo e a alma, também temos a poesia em versos, como os que encontramos no norte do Brasil em forma de histórias cantadas com o nome de “cordel”. Se prestarmos atenção e usarmos uma escuta atenta, encontraremos o canto em toda parte e em todos os cantos.

Este livro surgiu da preocupação do apagamento das práticas de cantar canções de ninar e seus efeitos no desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. Os benefícios de ouvir canções de ninar para a chegada do sono podem trazer sentimentos de segurança e aconchego, criando momentos de paz e tranquilidade, tanto para os pequenos quanto para aqueles e aquelas que cantam.

A correria do dia-a-dia, a falta de tempo e o stress no mundo dos adultos, provoca consequências como o esquecimento de cantar, ou simplesmente conversar com os mais próximos. A prática de cantar canções e cantigas ainda persiste em meio a tantos desafios da vida moderna, onde muito se perdeu o contato com as práticas do passado e as tradições orais.

Nessas páginas com letras escritas, estão muitas memórias de uma infância cheia de cantos e encantos, de versos cantados e de canções para dormir, para acalmar e brincar, refletindo um mundo sensível, cheio de ternura. Neste livro encontramos canções com histórias e o desejo de que a prática de cantar canções de ninar possa resistir às intempéries do mundo contemporâneo, e que continue a viver nas vozes do tempo em uma agradável melodia para que possamos compreender uma das mais belas tradições orais “ O cantar”.

CANÇÕES DA MINHA INFÂNCIA

Canção - Ciranda cirandinha

Ciranda, cirandinha Vamos
todos cirandar! Vamos dar a
meia volta Volta e meia vamos
dar

O anel que tu me destes Era
vidro e se quebrou O amor que
tu me
tinhas Era pouco e se acabou

Por isso, dona Rosa Entre
dentro desta roda
Diga um verso bem bonito
Diga adeus e vá se embora

Autor: Desconhecido.

Canção - Alecrim Dourado

Alecrim, alecrim dourado Que
nasceu no campo Sem ser
semeado Alecrim, alecrim
dourado Que nasceu no campo
Sem ser
semeado

Foi meu amor Foi meu
amor
Que me disse assim
Que a flor do campo é o alecrim

Autor: Luiz Cláudio.

Canção - Atirei o pau no gato

Atirei o pau no gato-to-to
Mas o gato-to-to
Não morreu-reu-reu Dona
Chic- ca-ca Admirou-se se

Do berro, do berro que o gato deu, Miau

Autor: Desconhecido.

Canção - Nesta rua tem um bosque

Nesta rua, nesta rua
Tem um bosque
Que se chama, que se chama Solidão

Dentro dele, dentro dele
Mora um anjo,
Que roubou, que roubou
Meu coração

Seu roubei, seu roubei
Teu coração
É porque tu roubaste o meu também.

Se eu roubei, se eu roubei
Teu coração

É porque, é porque
Te quero bem

Se esta rua, se esta rua
Fosse minha
Eu mandava, eu mandava
Ladrilhar

Com pedrinha, com pedrinhas

De brilhantes
Para o meu, para o meu
Amor passar

Autor desconhecido.

Canção - Chegou a hora da fogueira.

Chegou a hora da fogueira! É
noite de São João...
O céu fica todo iluminado Fica

o céu todo estrelado Pintadinho
de balão...
Pensando na cabocla a noite inteira Também
fica uma fogueira
Dentro do meu coração...

Quando eu era pequenino De
pé no chão
Eu cortava papel fino Pra
fazer balão...
E o balão ia subindo
Para o azul da imensidão...

Autor: Lamartine Babo.

Canção - Coelhoinho da Páscoa

Coelhinho da Páscoa Que
trazes pra mim? Um ovo,
dois ovos Três ovos,
assim Coelhoinho da
Páscoa
Que cor eles têm?Azul, amarelo
Vermelho também (2x)

Autor: Desconhecido.

Canção - A casa

Era uma casa muito engraçada
Não tinha teto Não tinha nada

Ninguém podia
Entrar nela, não
Porque na casa não tinha chão

Ninguém podia
Dormir na rede porque na casa
Não tinha parede

Ninguém podia
Fazer pipi
Porque penico
Não tinha ali

Mas era feita
Com muito esmero
Na Rua dos Bobos
Número zero

Autor: Vinicius de Moraes.

MINHAS MEMÓRIAS E O MEU CANTO.

Autoria de Eloir Moreira.

História - O gato Balu

Era uma tarde chuvosa de inverno, acabei de fazer fogo na lareira da sala para que a casa ficasse mais quentinha.

O gato balu dormindo bem tranquilo em cima do tapete, e eu posso ouvir passinhos correndo pela casa.

Me sento na poltrona e logo ela aparece com seus cabelos cacheados e sua coberta preferida, eu estendo os braços para ela, e sem demora vem correndo até mim, e num pulo já está aconchegada nos meus braços.

Observamos o fogo e ouvimos os estalos da lenha, por um momento me perco nos meus pensamentos com a beleza dele, mas logo percebo que também estou sendo observada, desvio o olhar do fogo e os meus olhos se encontram com os dela, com seus olhos grandes e brilhantes, que com um sorriso me fala:

– Canta pra mim?

Eu lhe dou um abraço apertado e começo a pensar em qual canção eu iria cantar, penso, penso, e quando olho para o gato balu, imediatamente me recordo e começo a cantar a canção “Atirei o pau no gato”.

Quando terminei de cantar, para minha surpresa ela não estava sorrindo, ela estava com um ar pensativo.

Ela olhou bem para o meu rosto e perguntou:

– Machucou mamãe???

Que surpresa eu tive com aquela pergunta, ela continuou a falar:

– Não pode mamãe, não pode atirar o pau no gato, não pode, não pode machucar o gato mamãe. Senti uma espécie de calor no peito e pensei, minha menina esta crescendo!

E eu respondi:

– Você está certa minha filha, não podemos jogar pau no gato, eles são lindos e pequenos, não devemos machucá-los.

Ela olhou para o balu que estava dormindo no tapete, foi até ele e lhe deu um beijo babado, bem no meio da testa dele, o balu abriu os olhos sem entender nada, mas eu, entendi tudo. Minha pequena criança através de uma canção conseguiu ter e formar um pensamento que a fez questionar o certo e o errado, que a fez sentir empatia, ela se preocupou com o gato da canção e expressou isso através de suas palavras e pelo beijo que deu no gato balu.

Não me lembro de cantar outra vez esta canção para ela, tão comum em rodas de cantigas e de brincadeiras em nosso país, mas por algum motivo, que eu sei qual é, minha menina não gostou dessa canção.

História - A professora Lili.

Quando eu estava no ensino infantil, eu tinha uma professora chamada Eliane, mas ela pedia para que as crianças a chamassem de Lili. Acredito que por ser um nome pequeno, ficava fácil para as crianças não esquecerem.

Eu posso lembrar da cor de seus cabelos, eram claros e lisos, e ela sorria bastante. O meu momento favorito era o recreio, o intervalo que tínhamos para ir até o pátio da escola para brincar, a professora geralmente nos convidava para fazermos uma grande roda e cantarmos. Ela tinha paciência para nos ensinar as frases das cantigas, a que eu nunca esqueci foi a cantiga “Ciranda cirandinha”.

Que ansiedade e emoção eu sentia quando ela chamava o meu nome para que eu entrasse na roda e falasse um verso. Eu ia toda contente declamar o verso que meu pai tinha me ensinado, e la vai ele outra vez...

– Batatinha quando nasce se esparrama pelo chão, nenezinho quando dorme põem a mão no coração.

Como era divertido e alegre aquelas brincadeiras de roda que a professora Lili nos ensinava, tudo ficou guardado em minhas memórias, as cantigas e a felicidade de cantar com os meus coleguinhas de infância.

Que tempos felizes!!!

História - O anjo

A canção “Nesta rua tem um bosque” me recorda um episódio que me aconteceu quando eu tinha 9 anos.

Ja passava das 22:00hrs e meu pai ainda não havia chegado em casa depois do trabalho. Lembro de minha mãe olhando pela janela com o rosto de preocupada, eu estava no sofá com muito sono, mas queria esperar o pai junto com a mãe.

Começou a cair um forte temporal, a mãe não saia da janela, acho que ela estava rezando, porque seus lábios se moviam, mas eu não escutava nada, eu só olhava.

Depois de um tempo, ouvimos o barulho do carro, a mãe foi abrir a porta, eu saltei do sofá e esfreguei os olhos para espantar o sono, foi quando ele entrou todo molhado com os sapatos sujos de lama.

A mãe perguntou:

– O que aconteceu? Porque você está todo encharcado? O pai respondeu:

– Tive que parar na rua e desci do carro para pegar dois anjos.

A mãe logo perguntou:

– Onde eles estão?

– Estão aqui comigo, no bolso do casaco – respondeu ele.

Eu corri até o pai e olhei em seus bolsos, e vi duas cabecinhas com orelhas pontudas. O pai, com todo o cuidado, colocou a mão no bolso e os pegou...

Eram bem pequenos e começaram a miar, minha mãe trouxe uma toalha para o pai se secar, mas ele secou primeiro os gatinhos que estavam tão molhados quanto ele.

Enquanto o pai secava os gatinhos, eu cheguei bem pertinho dele e perguntei: – Pai, o que é um anjo?

Meu pai parou de secar os gatinhos, olhou para mim em silêncio por um tempo, acho que

minha pergunta o pegou de surpresa.

Ele respondeu que anjo é uma pessoa ou animal cheio de bondade.

– E o que os anjos fazem? – eu perguntei.

– Protegem! – ele respondeu – Anjos nos protegem de tudo que pode nos fazer mal.

– E esses gatinhos vão nos proteger? – eu perguntei.

O pai riu, me abraçou, e depois falou que os gatinhos eram muitos pequenos ainda, que eles precisavam crescer um pouco mais para nos proteger.

– Por agora eles são anjinhos, vão correr pela casa e brincar com você – ele disse.

– Mas se quiser, você pode ser o anjo

deles. Eu olhei para ele surpresa e disse:

– Eu?

– Sim! Você já está grandinha, já pode protegê-los.

– Como faço para proteger? – eu perguntei.

– É bem fácil, não é difícil – respondeu ele.

– Você pode começar com coisas bem simples, como não deixar que eles fiquem com fome ou sede, e não fazer nada que os deixe com medo ou que possa machucá-los, isso já é uma forma de proteger – disse ele.

– Eu vou fazer isso pai!

– Eu sei que vai, por isso os trouxe comigo, sei que você vai cuidar muito bem deles. Mas por agora, eu quero que você me ajude a fazer uma coisa muito importante.

– O que é pai? Eu ajudo!

– Você me ajuda a dar nomes para eles?

Aquela noite é inesquecível para mim, e hoje depois de crescida, entendo que o único anjo dessa história sempre foi o pai.

História - O Chá

Nos fundos da casa da vovó Brígida, havia uma horta muito bonita, onde ela plantava tomates, alfaces, couves, abóboras, batatas e alguns pés de frutas.

Eu adorava quando a vovó me levava junto na horta e colhíamos verduras e legumes para preparar o almoço de domingo, e algumas frutas para a sobremesa.

Certo dia quando eu e ela estávamos na horta eu percebi um canteiro diferente, curiosa fui ver e perguntei:

– O que está fazendo vovó?

– Estou plantando ervas – ela respondeu.

– O que são ervas? – questioneei.

Ela se levantou, limpou a terra das mãos e disse:

– Vou lhe mostrar...

– Eu chamo essas plantas de ervas porque elas são diferentes, elas não são para saladas ou compotas, essas são usadas para temperos e chás.

– Como essa, a Manjerona, ela serve para temperar o feijão, e é um ótimo chá para resfriados e febres.

– Essa outra é a Camomila – disse ela – suas flores são lindas e perfumadas, um ótimo chá para acalmar e ter um bom sono.

– Essa é a minha preferida – ela falou – o Alecrim! Ele serve como tempero para assados e é um ótimo chá para quando nos sentimos muito tristes e cansados.

Voltamos para casa cantando a cantiga “Alecrim Dourado”, naquele dia minha vovó Brígida me ensinou e contou sobre as plantas e os chás.

Passaram-se alguns meses e uma triste notícia chegou...

A vovó Brígida morreu!

Eu chorei!

Senti tristeza!

Dias depois, eu e minha mãe fomos até a casa da vovó, e lá encontramos minha tia, que estava preparando um bolo para nos esperar.

Minha mãe e minha tia se sentaram na mesa da cozinha e começaram a conversar e relembrar os dias bons que passamos com a vovó e suas histórias.

Em um certo momento elas começaram a chorar de saudades, foi então que lembrei do que vovó me ensinou...

Fui até a horta e lá estava o canteiro de ervas. Tudo estava diferente, mais silencioso, a vovó não estava mais ali. Colhi alguns ramos de alecrim e levei para minha tia.

– Olha tia! Eu colhi para você.

– Muito obrigada! – disse ela.

– Mas porque você foi pegar essa planta? – ela perguntou.

– Para fazer um chá – respondi.

– A vovó Brígida me ensinou que quando estamos muito cansados e tristes o alecrim é um ótimo chá para nos fazer sentir melhor.

– Verdade! – disse ela – vou fazer isso agora mesmo.

Minha querida tia nos preparou o chá de alecrim, que tomamos juntas, na mesa da cozinha, na casa da vovó.

História - O ninho

Você gosta da

Páscoa? Eu adoro!

Tenho muitas lembranças maravilhosas das Páscoas que tive quando criança com minha família.

Meus pais não tinham condições financeiras naquela época para dar ovos de chocolate para todos os seus filhos, mas eles sempre davam um jeitinho para comemorarmos a Páscoa. Lembro de quando o pai colocava uma folha de calendário do mês de comemorar a data tão especial na porta da cozinha, e a mãe desenhava uma carinha de coelhinho no dia marcado para não nos esquecermos de que tínhamos poucos dias para preparar os ninhos, para o coelho nos trazer gostosuras.

Eu e o pai fomos ao centro da cidade um dia para comprar alguma coisa que a mãe precisava. As vitrines das lojas estavam todas pintadas e decoradas com coelhinhos de todas as cores. Quando estávamos voltando para casa, o pai parou e falou:

– Nossa! Eu quase me esqueci!

– Temos que pedir caixinhas para fazer o ninho do coelhinho.

Entramos em uma loja de sapatos de um conhecido do pai, que o recebeu e perguntou como poderia nos ajudar. O pai foi logo falando que precisava de seis caixas de sapato. O senhor da loja

prontamente atendeu o pedido, enquanto ele procurava por caixas vazias, perguntou porque o pai precisava de tantas.

Eu sem me conter, respondi:

– PARA FAZER NINHO!!!

O pai riu e continuou a explicar que a Páscoa estava chegando, e ele precisava preparar ninhos para o coelhinho.

O senhor da loja disse:

– Então vou pegar as mais bonitas. Se é para o coelhinho tem que ser as melhores. Voltamos para casa, e nos reunimos na sala depois do jantar. O pai trouxe alguns jornais, e a mãe algumas tesouras para picarmos papel, que serviria para forrar as caixinhas. O pai deu uma caixa para cada filho, e nos ajudou a decorar com papel picado, fitas e tintas coloridas. Quando terminamos fomos mostrar para a mãe.

Ela nos deu pedaços de algodão para colocar nos ninhos, disse que assim ficaria mais quentinho e fofinho para o coelhinho, e nos pediu para guardá-los debaixo das camas. Enquanto isso, na cozinha, a mãe guardava as cascas dos ovos que ela usava para preparar bolos e refeições, guardava tudo dentro de uma bacia no forno do fogão. Ela dizia que era para ajudar o coelhinho.

Passávamos as tardes pintando as casquinhas de ovos, enquanto a mãe nos ensinava a canção do coelhinho da Páscoa.

Quando chegava o dia tão esperado, assim que acordávamos íamos olhar debaixo das camas, e lá encontrávamos os ninhos com ovinhos coloridos cheios de cri-cri (amendoins açucarados). E dentro do forno do fogão, no lugar da bacia com as casquinhas de ovos, estava um grande bolo de chocolate.

– Que delícia!!!

Era a certeza de que o coelhinho tinha nos visitado, e nos deixado seus presentes gostosos em troca dos ninhos fofinhos, que foram preparados para ele.

História - A festa

24 de junho, dia de São João.

Eu estava tão ansiosa pela festa junina da escola. Seria minha primeira vez de dançar quadrilha. O meu vestido foi a mãe quem fez, ela caprichou. Tinha muitos remendos, rendas e fitas coloridas. O pai me emprestou o seu chapéu de palha, eu sem demora, pedi um pedaço de fita para enfeitá-lo. Ficou muito bonito!

As horas foram se passando, o horário marcado para começar a festa era 19:00hrs. Às 17:00hrs eu já estava de banho tomado, a mãe preparou um lanche, pão com manteiga e café com leite, eu comi bem rapidinho, não queria me atrasar para a festa.

Todas as crianças da minha turma ensaiaram a dança da quadrilha por semanas, estávamos todos radiantes com os preparativos da festa.

A escola toda ficou enfeitada, com bandeirinhas, correntes de papel colorido, folhas de bananeiras e barraquinhas para vender gostosuras.

Depois de colocar o vestido, minha mãe arrumou meus cabelos com uma fita vermelha, fez pintinhas nas minhas bochechas e pintou o meu dente. Me olhei no espelho e achei que estava muito engraçada, agora era a vez da mãe de se arrumar.

Ela também colocou um vestido bem colorido, e me pediu para pintar o seu rosto, nós duas nos olhamos no espelho e riamos muito de nossa aparência com nossos dentes pintados. Ela virou-se para mim e perguntou:

- Será que o pai vai me achar bonita?
- SIM! – eu respondi – você é sempre bonita mãe.

Às 18:30hrs saímos de casa, fomos os três andando pela rua de mãos dadas, o pai foi cantando a canção “Chegou a hora da fogueira”.

Pelo caminho encontramos nossos vizinhos e amigos, todos arrumados e empolgados para a festa junina.

O pai e o Sr. Lucas eram responsáveis por montar a fogueira da festa.

A noite chegou! A fogueira foi acesa e a festa começou.

Eu e minha turma nos apresentamos, dançamos quadrilha e nos divertimos muito. Quando estava indo com minha amiguinha Ana comprar pipoca, olhei e vi meus pais perto da fogueira. O meu coração ficou bem quentinho, igual uma fogueira, por ver os dois ali, dançando felizes na festa de São João.

História - A casa

Era primavera!

Em um lindo dia de sol minha prima Sara veio nos visitar com sua pequena bebê Helena de oito meses.

Fui recebê-las com um grande abraço, e logo minha amada filha com seus doze anos veio ver a priminha, e pediu se poderia pegar ela no colo.

Sara, a mamãe da querida Helena consentiu, e eu a adverti para que tivesse muito cuidado. Minha filha estava encantada com a priminha tão pequena em seus braços, convidei Sara para irmos até a cozinha prepararmos um café, enquanto conversávamos e colocávamos as fofocas em dia. Sara me contou sobre suas experiências de ser mãe, e de suas adaptações em sua nova missão de vida, a de cuidar e proteger Helena com todo seu amor.

Enquanto estávamos na cozinha, ouvimos ao longe, o sussurrar de uma canção, e como mães, saímos para ver o que se passava... Quando chegamos na sala, qual foi a minha surpresa ao ver minha filha embalando a pequena Helena que havia despertado e cantando para ela com o intuito de acalenta-la. Ela estava cantando a canção “A casa” com sua suave voz para a priminha que voltou a adormecer. Confesso que fiquei orgulhosa com a cena. Ela se lembrava com perfeição de cada frase, de cada tom e ritmo. Tudo estava gravado em sua memória.

Me senti feliz, com minha MISSÃO cumprida, por saber que o que aprendi com as mulheres de minha família, eu havia ensinado para minha descendência, que o ato de cantar para uma criança não estava somente em mim, mas já habitava no coração de minha filha.

Naquela noite, depois da visita da prima Sara e sua bebê, eu e minha filha nos preparávamos para dormir, com nossos pijamas de florzinhas amarelas, ela foi até o meu quarto para me desejar boa noite, e eu lhe disse do quanto achei bonito a sua atitude de cantar para Helena. Ela sorriu e agradeceu o elogio.

Quando já estava se dirigindo para o seu quarto, eu pedi se ela poderia ficar mais um pouquinho comigo.

Ela aceitou o convite!

Dei um espaço na cama para ela se aconchegar ao meu lado, e quando estávamos bem aninhadas lembro-me de ter olhado para ela e lhe pedir:

- Canta pra mim.

UM AGRADECIMENTO, UMA HISTÓRIA...

Quando eu era criança adorava correr atrás das nuvens, mas nunca consegui pegar nenhuma e parei de tentar quando cresci, mas até hoje continuo olhando para o céu, minha mãe costumava me mostrar as 3 marias que surgem entre as estrelas quando anoitece.

Cada cultura dá às Três Marias um diferente significado, para os guaranis, as Três Marias são Joykexo, símbolo da fertilidade, e serve para indicar o caminho, Na tradição cristã, as estrelas são associadas às três mulheres que visitaram o túmulo de Jesus na ressurreição, para outros representam os Três Reis Magos, Gaspar, Melquior e Baltasar, que estariam a caminho de Belém para o nascimento do messias.

As Três Marias, são estrelas gigantes, com brilho azulado que fazem parte do cinturão de orion Seus nomes, são Mintaka, Alnilan e Alnitaka, que significam o cinto, a pérola e a corda presentes no do cinturão do famoso caçador órion da mitologia grega

Certo dia no ano de 2019 eu encontrei três estrelas em forma de mulher, cada uma, com seu brilho próprio, elas carregavam em seus cinturões muita sabedoria e conhecimento que faziam questão de compartilhar com quem encontrassem pelo caminho, distribuindo sua luz e iluminando todos que se aproximassem.

Eu por sorte as encontrei e cada uma me deu um pouco de sua luz, o nome das minhas três Marias são Diana, Giane e Jorgelina.

A primeira me ensinou a me reconhecer como latina e a valorizar a minha mestiçagem. A segunda me fez amar minha ancestralidade e a importância da minha língua materna. A terceira com seu sorriso me acolheu em uma sala de aula cheia de diferenças e diversidades, me fez sentir segura para fazer perguntas sem medo de errar.

Para as minhas três Marias, minhas professoras e educadoras eu deixo o meu sincero agradecimento por tudo de maravilhoso que aprendi com cada uma delas.

Assim como as estrelas no céu mostram uma direção elas me apontaram caminhos para que eu possa continuar a perseguir meus sonhos e quem sabe, voltar a correr atrás das nuvens e encontrar outras estrelas.

Muito obrigada !

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESCOBAR, M. **Canções de ninar de Auschwitz**. HarperCollins Brasil, 2016.

PEREIRA, Joseane. Canções de cantar da Babilônia são encontradas em placa cuneiforme.

Aventuras na História, 2019. Disponível em:

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/cancoes-de-ninar-da-babilonia-sao-encontradas-em-placa-cuneiforme.phtml>

RODRIGUES, João Barbosa. **Poranduba amazonense: ou, Kochiyma-uara porandub. 1872-1887**. G. Leuzinger, 1890.

Link do livro “Canta pra mim”:

https://www.canva.com/design/DAFqH_YhfzU/ZZywfH7DMqqJhGaFTaIAMA/edit

Canta pra mim



Eloir Moreira

Eloir Moreira

Canta pra mim

Com ilustrações da autora

2023

O ato de cantar é um ato de amor.

Com o desejo de preservar a prática de cantar, esta coletânea foi produzida e pensada com o objetivo de semear reflexões e resgatar a importância da oralidade referentes ao tema de cantar canções de ninar e brincadeiras de roda.

Buscando em suas antigas lembranças de infância, quais cantigas ou canções de ninar que escutava, você ainda é capaz de lembrar? Ou melhor dizendo, você ainda consegue reproduzir cantigas que ouvia quando criança? Se sua resposta for "sim", então bem vindo ao grupo dos que recordam. E nesta ciranda, cirandinha, onde vamos todos cirandar, eu te convido a entrar nesta roda de cirandas e comigo vem cantar.

Canta pra mim é um livro para todas as idades.

É uma coletânea de cantigas e histórias cheias de encantos com o desejo de incentivar a todos a soltar a voz sem medo ou vergonha de cantar.

Para que estejam preparados quando em algum momento de suas vidas alguém simplesmente lhes pedir "Canta pra mim?".

Boa leitura e boas canções.

Com amor,
Eloir Moreira.

"Todo o coração canta uma música, incompleta, até que outro coração sussurra de volta. Aqueles que desejam cantar sempre acham uma música."

(Platão).

*Este livro é dedicado para a criança
que eu mais amei, e amarei.*

Vanessa Moreira.

Para ouvir as canções citadas neste livro,
acesse este QR code:



Sumário

O gato Balu	6
A professora Lili	9
O anjo	12
O chá	16
O ninho	20
A festa	23
A casa	26

O gato Balu



Era uma tarde chuvosa de inverno, acabei de fazer fogo na lareira da sala para que a casa ficasse mais quentinha.

O gato balu dormindo bem tranquilo em cima do tapete, e eu posso ouvir passinhos correndo pela casa.

Me sento na poltrona e logo ela aparece com seus cabelos cacheados e sua coberta preferida, eu estendo os braços para ela, e sem demora vem correndo até mim, e num pulo já está aconchegada nos meus braços.

Observamos o fogo e ouvimos os estalos da lenha, por um momento me perco nos meus pensamentos com a beleza dele, mas logo percebo que também estou sendo observada, desvio o olhar do fogo e os meus olhos se encontram com os dela, com seus olhos grandes e brilhantes, que com um sorriso me fala:

– Canta pra mim?

Eu lhe dou um abraço apertado e começo a pensar em qual canção eu iria cantar, penso, penso, e quando olho para o gato balu, imediatamente me recordo e começo a cantar a canção “Atirei o pau no gato”.



Atirei o pau no gato-to-to
Mas o gato-to-to
Não morreu-reu-reu
Dona Chic- ca-ca
Admirou-se se
Do berro, do berro
que o gato deu
Miau!

Quando terminei de cantar, para minha surpresa ela não estava sorrindo, ela estava com um ar pensativo.

Ela olhou bem para o meu rosto e perguntou:

– Machucou mamãe???

Que surpresa eu tive com aquela pergunta, ela continuou a falar:

- Não pode mamãe, não pode atirar o pau no gato, não pode, não pode machucar o gato mamãe. Senti uma espécie de calor no peito e pensei, minha menina esta crescendo!

E eu respondi:

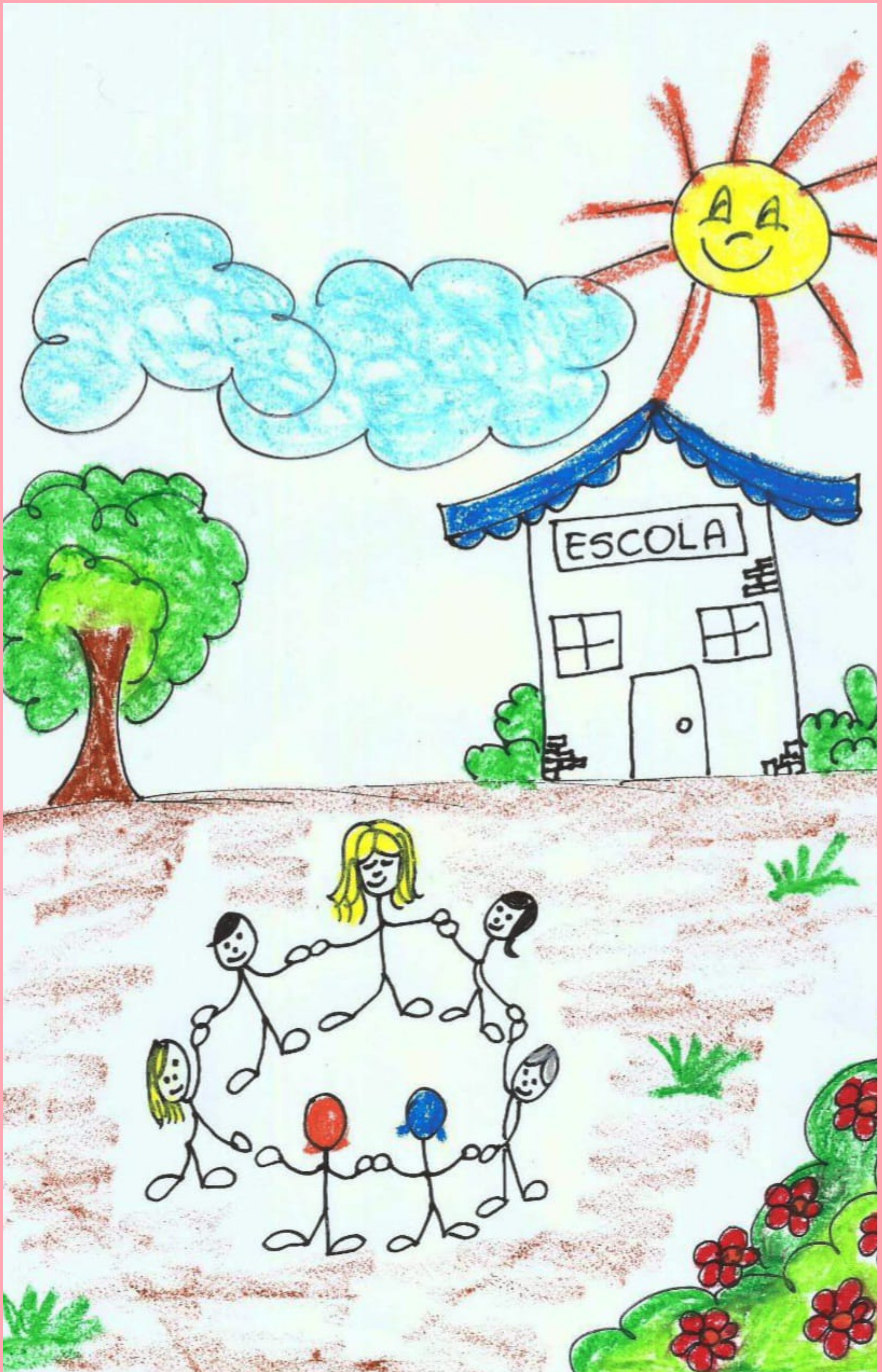
- Você está certa minha filha, não podemos jogar pau no gato, eles são lindos e pequenos, não devemos machucá-los.

Ela olhou para o gato balu que estava dormindo no tapete, foi até ele e lhe deu um beijo babado, bem no meio da testa dele, o gato balu abriu os olhos sem entender nada, mas eu, entendi tudo.

Minha pequena criança através de uma canção conseguiu ter e formar um pensamento que a fez questionar o certo e o errado, que a fez sentir empatia, ela se preocupou com o gato da canção e expressou isso através de suas palavras e pelo beijo que deu no gato balu.

Não me lembro de cantar outra vez esta canção para ela, tão comum em rodas de cantigas e de brincadeiras em nosso país, mas por algum motivo, que eu sei qual é, minha menina não gostou dessa canção.

A professora Lili

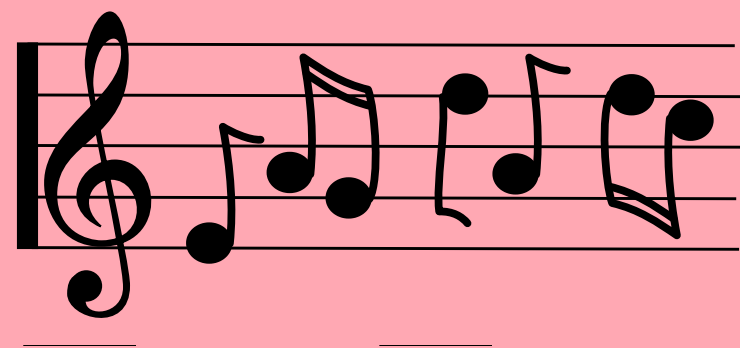


Quando eu estava no ensino infantil, eu tinha uma professora chamada Eliane, mas ela pedia para que as crianças a chamassem de Lili. Acredito que por ser um nome pequeno, ficava fácil para as crianças não esquecerem.

Eu posso lembrar da cor de seus cabelos, eram claros e lisos, e ela sorria bastante.

O meu momento favorito era o recreio, o intervalo que tínhamos para ir até o pátio da escola para brincar, a professora geralmente nos convidava para fazermos uma grande roda e cantarmos.

Ela tinha paciência para nos ensinar as frases das cantigas, a que eu nunca esqueci foi a cantiga “Ciranda cirandinha”.



Ciranda, cirandinha
Vamos todos cirandar!
Vamos dar a meia volta
Volta e meia vamos dar
O anel que tu me destes
Era vidro e se quebrou
O amor que tu me tinhas
Era pouco e se acabou
Por isso, dona Eloir
Entre dentro desta roda
Diga um verso bem bonito
Diga adeus e vá se embora

Que ansiedade e emoção eu sentia quando ela chamava o meu nome para que eu entrasse na roda e falasse um verso. Eu ia toda contente declamar o verso que meu pai tinha me ensinado, e lá vai ele outra vez...

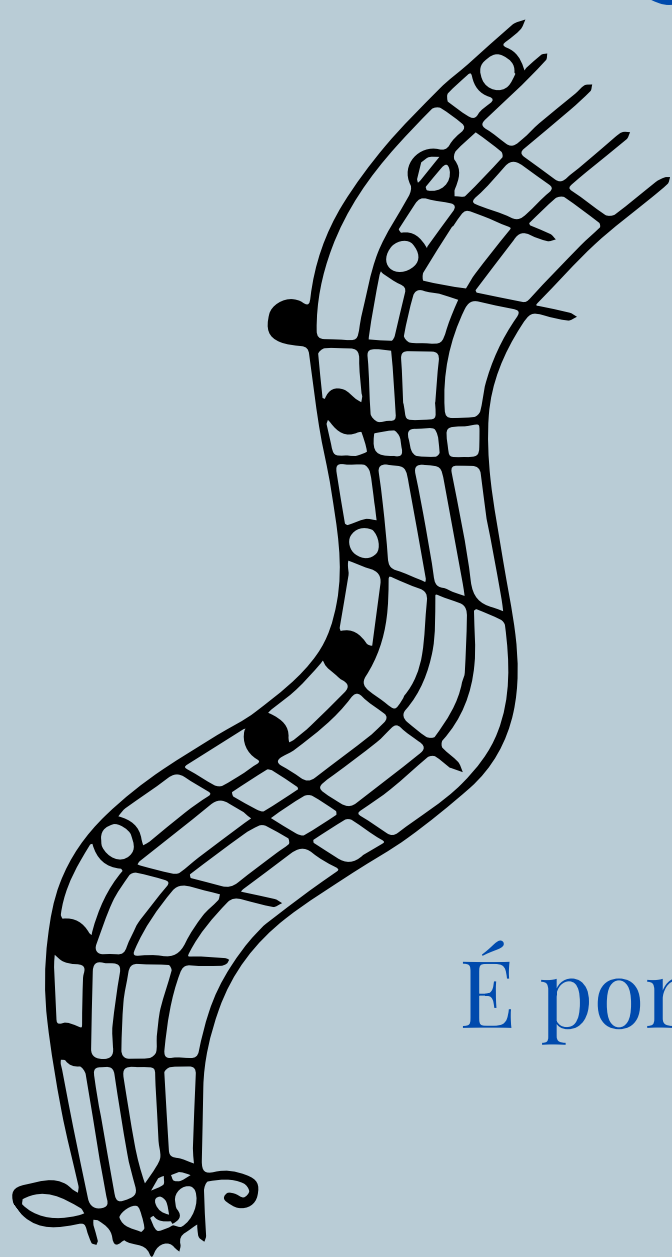
- Batatinha quando nasce se esparrama pelo chão,
nenezinho quando dorme põem a mão no coração.

Como era divertido e alegre aquelas brincadeiras de roda que a professora Lili nos ensinava, tudo ficou guardado em minhas memórias, as cantigas e a felicidade de cantar com os meus coleguinhas de infância.

Que tempos felizes!!!

O anjo





Nesta rua, nesta rua
Tem um bosque
Que se chama, que se chama
Solidão
Dentro dele, dentro dele
Mora um anjo
Que roubou, que roubou
Meu coração
Seu roubei, seu roubei
Teu coração
É porque tu roubaste o meu também
Se eu roubei, se eu roubei
Teu coração
É porque, é porque
Te quero bem
Se esta rua, se esta rua
Fosse minha
Eu mandava, eu mandava
Ladrilhar
Com pedrinha, com pedrinhas
De brilhantes
Para o meu, para o meu
Amor passar

A canção “Nesta rua tem um bosque” me recorda um episódio que me aconteceu quando eu tinha 9 anos.

Ja passava das 22:00hrs e meu pai ainda não havia chegado em casa depois do trabalho.

Lembro de minha mãe olhando pela janela com o rosto de preocupada, eu estava no sofá com muito sono, mas queria esperar o pai junto com a mãe.

Começou a cair um forte temporal, a mãe não saía da janela, acho que ela estava rezando, porque seus lábios se moviam, mas eu não escutava nada, eu só olhava.

Depois de um tempo, ouvimos o barulho do carro, a mãe foi abrir a porta, eu saltei do sofá e esfreguei os olhos para espantar o sono, foi quando ele entrou todo molhado com os sapatos sujos de lama.

A mãe perguntou:

- O que aconteceu? Porque você está todo encharcado? O pai respondeu:

- Tive que parar na rua e desci do carro para pegar dois anjos.

A mãe logo perguntou:

- Onde eles estão?

- Estão aqui comigo, no bolso do casaco – respondeu ele.

Eu corri até o pai e olhei em seus bolsos, e vi duas cabecinhas com orelhas pontudas. O pai, com todo o cuidado colocou a mão no bolso e os pegou...

Eram bem pequenos e começaram a miar, minha mãe trouxe uma toalha para o pai se secar, mas ele secou primeiro os gatinhos que estavam tão molhados quanto ele.

Enquanto o pai secava os gatinhos, eu cheguei bem pertinho dele e perguntei:

- Pai, o que é um anjo?

Meu pai parou de secar os gatinhos, olhou para mim em silêncio por um tempo, acho que minha pergunta o pegou de surpresa.

Ele respondeu que anjo é uma pessoa ou animal cheio de bondade.

- E o que os anjos fazem? – eu perguntei.

- Protegem! – ele respondeu – Anjos nos protegem de tudo que pode nos fazer mal.

- E esses gatinhos vão nos proteger? – eu perguntei.

O pai riu, me abraçou, e depois falou que os gatinhos eram muitos pequenos ainda, que eles precisavam crescer um pouco mais para nos proteger.

- Por agora eles são anjinhos, vão correr pela casa e brincar com você – ele disse.

- Mas se quiser, você pode ser o anjo deles. Eu olhei para ele surpresa e disse:

- Eu?

- Sim! Você já esta grandinha, ja pode protegê-los.

- Como faço para proteger? – eu perguntei.

- É bem fácil, não é difícil – respondeu ele.

- Você pode começar com coisas bem simples, como não deixar que eles fiquem com fome ou sede, e não fazer nada que os deixe com medo ou que possa machuca-los, isso já é uma forma de proteger – disse ele.

- Eu vou fazer isso pai!

- Eu sei que vai, por isso os trouxe comigo, sei que você vai cuidar muito bem deles. Mas por agora, eu quero que você me ajude a fazer uma coisa muito importante.

- O que é pai? Eu ajudo!

- Você me ajuda a dar nomes para eles?

Aquela noite é inesquecível para mim, e hoje depois de crescida, entendo que o único anjo dessa história sempre foi o pai.

O Chá



Nos fundos da casa da vovó Brigida, havia uma horta muito bonita, onde ela plantava tomates, alfaces, couves, abóboras, batatas e alguns pés de frutas.

Eu adorava quando a vovó me levava junto na horta e colhíamos verduras e legumes para preparar o almoço de domingo, e algumas frutas para a sobremesa.

Certo dia quando eu e ela estávamos na horta eu percebi um canteiro diferente, curiosa fui ver e perguntei:

- O que está fazendo vovó?
- Estou plantando ervas – ela respondeu.
- O que são ervas? – questionei.

Ela se levantou, limpou a terra das mãos e disse:

- Vou lhe mostrar...
- Eu chamo essas plantas de ervas porque elas são diferentes, elas não são para saladas ou compotas, essas são usadas para temperos e chás.
- Como essa, a Manjerona, ela serve para temperar o feijão, e é um ótimo chá para resfriados e febres.
- Essa outra é a Camomila – disse ela – suas flores são lindas e perfumadas, um ótimo chá para acalmar e ter um bom sono.
- Essa é a minha preferida – ela falou – o Alecrim! Ele serve como tempero para assados e é um ótimo chá para quando nos sentimos muito tristes e cansados.

Voltamos para casa cantando a cantiga “Alecrim Dourado”.



Alecrim, alecrim dourado
Que nasceu no campo
Sem ser semeado
Alecrim, alecrim dourado
Que nasceu no campo
Sem ser semeado
Foi meu amor
Foi meu amor
Que me disse assim
Que a flor do campo é o alecrim.

Naquele dia minha vovó Brigida me ensinou e contou sobre as plantas e os chás.

Passaram-se alguns meses e uma triste notícia chegou... A vovó Brigida morreu!

Eu chorei! Senti tristeza!

Dias depois, eu e minha mãe fomos até a casa da vovó, e lá encontramos minha tia, que estava preparando um bolo para nos esperar.

Minha mãe e minha tia se sentaram na mesa da cozinha e começaram a conversar e relembrar os dias bons que passamos com a vovó e suas histórias.

Em um certo momento elas começaram a chorar de saudades, foi então que lembrei do que vovó me ensinou...

Fui até a horta e lá estava o canteiro de ervas. Tudo estava diferente, mais silencioso, a vovó não estava mais ali. Colhi alguns ramos de alecrim e levei para minha tia.

- Olha tia! Eu colhi para você.
 - Muito obrigada! – disse ela.
 - Mas porque você foi pegar essa planta? – ela perguntou.
 - Para fazer um chá – respondi.
 - A vovó Brigida me ensinou que quando estamos muito cansados e tristes o alecrim é um ótimo chá para nos fazer sentir melhor.
 - Verdade! – disse ela – vou fazer isso agora mesmo.
- Minha querida tia nos preparou o chá de alecrim, que tomamos juntas, na mesa da cozinha, na casa da vovó.



O ninho



Você gosta da Páscoa? Eu adoro!

Tenho muitas lembranças maravilhosas das Páscoas que tive quando criança com minha família.

Meus pais não tinham condições financeiras naquela época para dar ovos de chocolate para todos os seus filhos, mas eles sempre davam um jeitinho para comemorarmos a Páscoa.

Lembro de quando o pai colocava uma folha de calendário do mês de comemorar a data tão especial na porta da cozinha, e a mãe desenhava uma carinha de coelhinho no dia marcado para não nos esquecermos de que tínhamos poucos dias para preparar os ninhos, para o coelho nos trazer gostosuras.

Eu e o pai fomos ao centro da cidade um dia para comprar alguma coisa que a mãe precisava.

As vitrines das lojas estavam todas pintadas e decoradas com coelhinhos de todas as cores.

Quando estávamos voltando para casa, o pai parou e falou:

- Nossa! Eu quase me esqueci!

- Temos que pedir caixinhas para fazer o ninho do coelhinho.

Entramos em uma loja de sapatos de um conhecido do pai, que o recebeu e perguntou como poderia nos ajudar. O pai foi logo falando que precisava de seis caixas de sapato.

O senhor da loja prontamente atendeu o pedido, enquanto ele procurava por caixas vazias, perguntou porque o pai precisava de tantas.

Eu sem me conter, respondi:

- PARA FAZER NINHO!!!

O pai riu e continuou a explicar que a Páscoa estava chegando, e ele precisava preparar ninhos para o coelhinho.

O senhor da loja disse:

- Então vou pegar as mais bonitas. Se é para o coelhinho tem que ser as melhores.

Voltamos para casa, e nos reunimos na sala depois do jantar. O pai trouxe alguns jornais, e a mãe algumas tesouras para picarmos papel, que serviria para forrar as caixinhas.

O pai deu uma caixa para cada filho, e nos ajudou a decorar com papel picado, fitas e tintas coloridas.

Quando terminamos fomos mostrar para a mãe.

Ela nos deu pedaços de algodão para colocar nos ninhos, disse que assim ficaria maisquentinho e fofinho para o coelhinho, e nos pediu para guarda-los debaixo das camas.

Enquanto isso, na cozinha, a mãe guardava as cascas dos ovos que ela usava para preparar bolos e refeições, guardava tudo dentro de uma bacia no forno do fogão. Ela dizia que era para ajudar o coelhinho.

Passavamos as tardes pintando as casquinhas de ovos, enquanto a mãe nos ensinava a canção do coelhinho da Páscoa.



Coelhinho da Páscoa
Que trazes pra mim?
Um ovo, dois ovos
Três ovos, assim
Coelhinho da Páscoa
Que cor eles têm?
Azul, amarelo
Vermelho também (2x).

Quando chegava o dia tão esperado, assim que acordávamos iam os olhar debaixo das camas, e lá encontrávamos os ninhos com ovinhos coloridos cheios de cri-cri (amendoins açucarados). E dentro do forno do fogão, no lugar da bacia com as casquinhas de ovos, estava um grande bolo de chocolate.

- Que delícia!!!

Era a certeza de que o coelhinho tinha nos visitado, e nos deixado seus presentes gostosos em troca dos ninhos fofinhos, que foram preparados para ele.

A festa



24 de junho, dia de São João.

Eu estava tão ansiosa pela festa junina da escola. Seria minha primeira vez de dançar quadrilha.

O meu vestido foi a mãe quem fez, ela caprichou. Tinha muitos remendos, rendas e fitas coloridas.

O pai me emprestou o seu chapéu de palha, eu sem demora, pedi um pedaço de fita para enfeitá-lo.

Ficou muito bonito!

As horas foram se passando, o horário marcado para começar a festa era 19:00hrs.

As 17:00hrs eu já estava de banho tomado, a mãe preparou um lanche, pão com manteiga e café com leite, eu comi bem rapidinho, não queria me atrasar para a festa.

Todas as crianças da minha turma ensaiaram a dança da quadrilha por semanas, estávamos todos radiantes com os preparativos da festa.

A escola toda ficou enfeitada, com bandeirinhas, correntes de papel colorido, folhas de bananeiras e barraquinhas para vender gostosuras.

Depois de colocar o vestido, minha mãe arrumou meus cabelos com uma fita vermelha, fez pintinhas nas minhas bochechas e pintou o meu dente. Me olhei no espelho e achei que estava muito engraçada, agora era a vez da mãe de se arrumar.

Ela também colocou um vestido bem colorido, e me pediu para pintar o seu rosto, nós duas nos olhamos no espelho e ríamos muito de nossa aparência com nossos dentes pintados.

Ela virou-se para mim e perguntou:

- Será que o pai vai me achar bonita?

- SiM! – eu respondi – você é sempre bonita mãe.

As 18:30hrs saímos de casa, fomos os três andando pela rua de mãos dadas, o pai foi cantando a canção “Chegou a hora da fogueira”.

Chegou a hora da fogueira!
É noite de São João...
O céu fica todo iluminado
Fica o céu todo estrelado
Pintadinho de balão...
Pensando na cabocla a noite inteira
Também fica uma fogueira
Dentro do meu coração...
Quando eu era pequenino
De pé no chão
Eu cortava papel fino
Pra fazer balão...
E o balão ia subindo
Para o azul da imensidão...
Hoje em dia o meu destino
Não vive em paz
O balão de papel fino
Já não sobe mais...
O balão da ilusão...
Levou pedra e foi ao chão...



Pelo caminho encontramos nossos vizinhos e amigos, todos arrumados e empolgados para a festa junina.

O pai e o Sr. Lucas eram responsáveis por montar a fogueira da festa. A noite chegou! A fogueira foi acesa e a festa começou.

Eu e minha turma nos apresentamos, dançamos quadrilha e nos divertimos muito. Quando estava indo com minha amiguinha Ana comprar pipoca, olhei e vi meus pais perto da fogueira.

O meu coração ficou bem quentinho, igual uma fogueira, por ver os dois ali, dançando felizes na festa de São João.

A casa



Era primavera!

Em um lindo dia de sol minha prima Sara veio nos visitar com sua pequena bebê Helena de oito meses.

Fui recebê-las com um grande abraço, e logo minha amada filha com seus doze anos veio ver a priminha, e pediu se poderia pegar ela no colo.

Sara, a mamãe da querida Helena consentiu, e eu a adverti para que tivesse muito cuidado.

Minha filha estava encantada com a priminha tão pequena em seus braços, convidei Sara para irmos até a cozinha prepararmos um café, enquanto conversávamos e colocávamos as fofocas em dia.

Sara me contou sobre suas experiências de ser mãe, e de suas adaptações em sua nova missão de vida, a de cuidar e proteger Helena com todo seu amor.

Enquanto estávamos na cozinha, ouvimos ao longe, o sussurrar de uma canção, e como mães, saímos para ver o que se passava...

Quando chegamos na sala, qual foi a minha surpresa ao ver minha filha embalando a pequena Helena que havia despertado e cantando para acalenta-la.

Ela estava cantando a canção “A casa” com sua suave voz para a priminha que voltou a adormecer.



Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia
Entrar nela, não
Porque na casa
Não tinha chão
Ninguém podia
Dormir na rede
Porque na casa
Não tinha parede

Ninguém podia
Fazer pipi
Porque penico
Não tinha ali
Mas era feita
Com muito esmero
Na Rua dos Bobos
Número zero



Confesso que fiquei orgulhosa com a cena. Ela se lembrava com perfeição de cada frase, de cada tom e ritmo. Tudo estava gravado em sua memória.

Me senti feliz, com minha MISSÃO cumprida, por saber que o que aprendi com as mulheres de minha família, eu havia ensinado para minha descendência, que o ato de cantar para uma criança não estava somente em mim, mas já habitava no coração de minha filha.

Naquela noite, depois da visita da prima Sara e sua bebê, eu e minha filha nos preparávamos para dormir, com nossos pijamas de florzinhas amarelas, ela foi até o meu quarto para me desejar boa noite, e eu lhe disse do quanto achei bonito a sua atitude de cantar para Helena.

Ela sorriu e agradeceu o elogio.

Quando já estava se dirigindo para o seu quarto, eu pedi se ela poderia ficar mais um pouquinho comigo.

Ela aceitou o convite!

Dei um espaço na cama para ela se aconchegar ao meu lado, e quando estávamos bem aninhadas lembro-me de ter olhado para ela e lhe pedir:

- Canta pra mim?

Sobre a autora

Eloir Moreira nasceu em 1974, na cidade de Foz do Iguaçu - Paraná. Filha de um mestre de obras e uma dona de casa, sendo a quinta filha do casal.

Teve uma infância cheia de brincadeiras e a companhia de seus estimados amiguinhos, seus gatos e o papagaio Loro, que aprendeu a cantar "Parabéns pra você", sendo sempre presença ilustre nas festas de aniversário da família.

Morou por 22 anos no Rio Grande do Sul, tomando amor pelas terras gaúchas, onde teve sua filha Vanessa.

Em 2019, quando voltou para Foz do Iguaçu, ingressou na Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA), para cursar bacharelado em Mediação cultural - Artes e Letras, onde no ambiente universitário encontrou os professores(as) e as ferramentas necessárias para aprender e desenvolver talentos que adormeciam em seu coração.

Contato da autora:
eloirmoreirafoz@gmail.com